

MUDANÇAS NO USO DE ARTES E MÉTODOS DE PESCA PELA COMUNIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS NO ESTUÁRIO DA BAIXADA SANTISTA

Wilson MOREIRA JUNIOR ^{1,3}, Paula Maria Gênova de CASTRO ^{2,3},
Luciana Carvalho Bezerra de MENEZES ^{2,3}

¹ Mestre em Aquicultura e Pesca pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Pesca/APTA/SAA - SP

² Pesquisador Científico do Instituto de Pesca/APTA/SAA

³ Endereço/Address: Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Recursos Hídricos, Instituto de Pesca, APTA, SAA
Av. Francisco Matarazzo, 455, Água Branca, São Paulo, SP, Brasil, CP: 61070, CEP: 05001-970
e-mail: wilmorjr@hotmail.com

Palavras-chave: Pesca de pequena escala; caiçara; pesca multiespecífica; São Paulo.

INTRODUÇÃO

A Baixada Santista está localizada na região central do litoral do Estado de São Paulo e é composta por vários ecossistemas, o que propicia grande diversidade de recursos pesqueiros e o surgimento de várias comunidades de pescadores na região. A pesca nessa região é uma atividade muito antiga, antes mesmo da colonização, e perdura até a atualidade. Os pescadores, no transcorrer dos tempos, desenvolveram inúmeras estratégias de pesca para a exploração dos recursos de forma satisfatória.

Durante cinco séculos, a região sofreu grandes transformações até se tornar um dos principais centros industrial, urbano e portuário do país, o que acarretou enormes transformações no meio ambiente natural e antrópico. Com isso, as comunidades de pescadores sofreram fortes impactos, mas, apesar das diversas alterações ocorridas, diferentes artes, métodos e estratégias de captura continuaram a ser utilizados.

Com este trabalho procura-se compreender quais os motivos que influenciaram os pescadores da Baixada Santista em realizar mudanças no uso de artes de pesca ao longo dos anos. Visa-se ainda contribuir para o entendimento das dinâmicas do processo de trabalho e a relação com o ambiente natural e antrópico.

MATERIAL E MÉTODOS

Para esta pesquisa tomaram-se como base quatro comunidades de pescadores, caiçaras e moradores ribeirinhos do estuário da Baixada Santista, SP, em que a pesca artesanal é uma importante atividade econômica, cultural e de identidade; são elas: 1) Sítio

Cachoeira (23°53'4,92" S - 46°9'51,61" W), (N=10 entrevistados), localizada no Canal de Bertiooga, 2) Sítio Conceiçãozinha (23°58'33,91" S - 46°17'5,20" W), no Estuário de Santos (N=11), ambas no município de Guarujá; 3) Ilha Diana (23°55'2,82" S - 46°18'18,07" W), que se encontra às margens do rio Diana na confluência do Canal de Bertiooga com o Estuário de Santos no município de Santos (N=10); e 4) Vila dos Pescadores (23°55'57,21" S - 46°23'38,12" W), situada às margens do rio Casqueiro, em Cubatão (N=13). Essas comunidades foram eleitas por se localizarem em pontos distintos do estuário com diferentes conflitos socioambientais. As ferramentas empregadas na obtenção dos dados consistiram de entrevistas não-estruturadas e semi-estruturadas, além de depoimentos orais de pescadores, caiçaras e moradores ribeirinhos. A análise dos dados foi realizada com base em MOREIRA JUNIOR (2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mudanças no uso de determinadas artes-de-pesca e métodos de captura podem ocorrer de diversas maneiras, e um pescador pode adotar uma ou mais dessas formas em relação ao seu repertório de técnicas, simultaneamente ou ao longo do tempo. Neste trabalho identificaram-se seis tipos de mudanças que ocorreram nas comunidades: 1) alteração no modo ou estratégia empregada, pela troca de materiais utilizados na construção do petrecho de pesca ou na sua forma básica; 2) mudança do recurso-alvo; 3) maneira de operar a arte; 4) abandono da arte e/ou método de pesca; 5) incorporação de um novo método e estratégia de pesca; e 6) substituição de uma arte por outra (MOREIRA JUNIOR, 2008) (Tabela 1).

Tabela 1. Exemplos de artes-de-pesca, métodos de captura, características e práticas passadas e suas transformações ao longo do tempo pela comunidade da Baixada Santista.

ARTES	MÉTODO DE CAPTURA	CARACTERÍSTICAS	PRÁTICA ATUAL
1) Armadilha	covo (método passivo)	armadilha para peixe, confeccionada em madeira ou bambu. Conta com uma ou mais aberturas, para entrada do pescado, eficaz na pesca de espécies sedentárias	pouco usada, sendo substituída por métodos de captura com maior poder de pesca
2) Arrasto	Arrastão de praia (método ativo)	geralmente usados em regiões rasas por pescadores praianos, que as lançam ao mar com auxílio de uma canoa, para posteriormente puxá-los através de cabos	enfrentam dificuldades de execução devido ao acesso à praia, em função especulação imobiliária e turística
3) Picaré	tipo de rede de arrasto (método ativo)	Rede de forma retangular, que é arrastada paralelamente a praia por 2 ou 4 homens. Varia de 10 a 20 m, e a altura de 1,5 a 2 m, com malhas de 26 a 30 mm	enfrentam dificuldades de execução devido ao acesso à praia, em função especulação imobiliária e turística
4) Armadilha	Tapamento e Ratoeira (método passivo)	consiste em obstruir as tocas de caranguejo, com raízes e sedimento de mangue, sendo capturados em busca de ar na parte superior	está sendo substituída pela redinha/técnica mais eficiente e fácil de uso
5) Armadilha	Cerco-fixo (método passivo)	feito normalmente com madeira de mangue, fixado ao fundo por meio de estacas de madeira. Usado em lagoas, canais e rios	em função da proibição de corte da vegetação de mangue, faz com que raramente seja montado

Diversos fatores podem levar a mudanças no uso de artes e técnicas de captura por um pescador. Mudanças ambientais, como poluição, ocupação do espaço, movimentos de embarcações etc., podem motivar uma adaptação para continuar o exercício da atividade. A proibição do uso de determinada arte-de-pesca pela legislação ambiental (ex., cerco-fixo), pode acarretar mudanças na pesca e/ou nas formas de executá-la. A adoção de novas tecnologias, como a inviabilidade do uso uma técnica tradicional, também contribui para o movimento de transformação. Deve-se levar em conta, ainda, a vontade do pescador em executar outro tipo de pesca, bem como as restrições físicas que este possa ter, devido a problemas de saúde ou pela própria idade avançada.

Percebeu-se que alguns pescadores trocaram de técnicas de pesca durante a vida, com a incorporação de técnicas novas ou tradicionais. Há aquelas que são mantidas pela tradição, mas não de forma estática, pois também se modificam e podem incorporar elementos da modernidade. Este é o caso, por exemplo, das redes, que no passado eram confeccionadas de tucum e ananás, depois evoluíram para algodão e, em meados do século XX, começaram a ser de náilon. A princípio eram os pescadores e artesãos especializados que as confeccionavam; o artesão poderia dominar todos os processos da confecção, deste a extração da fibra vegetal até a feitura da rede, ou se especializar em um ou mais desses elos produtivos, como: a extração da fibra, a fabricação do fio, a confecção da rede e sua comercialização. As bóias eram feitas de madeira leve ou cortiça, e as tralhas para peso eram de barro.

CONCLUSÃO

As comunidades de pescadores não são estáticas; há uma dinâmica própria no ritmo de mudanças que as diferenciam da sociedade urbano-industrial. Considera-se que até mesmo as comunidades tradicionais e pesqueiras incorporam inovações no transcorrer do tempo, convivendo com técnicas tradicionais. A decisão de tais mudanças pode ser de caráter pessoal ou de origem externa, como situações que envolvam normas sociais, a qualidade e quantidade do recurso, o pesqueiro frequentado, as tecnologias empregadas e questões de mercado. As transformações ocorridas na Baixada Santista no último meio século influenciaram fortemente as comunidades a mudar seus métodos e estratégias de captura.

REFERÊNCIAS

MOREIRA JUNIOR, W. 2008 *A pesca artesanal no complexo estuarino da Baixada Santista (SP) e sua relação com os impactos ambientais na perspectiva das comunidades locais*. Santos, 348 p. (Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesca/ APTA).